

Os HOMENS PRÉ-HISTÓRICOS

Há cerca de 370 mil anos, na fase intermediária da era glacial, muito antes dos neandertais, um grupo de homens vivia junto a um pequeno lago na atual região da Túríngia, na Alemanha. Os artefatos encontrados contam a história de um povo bastante destro na fabricação de armas e outros objetos, e que provavelmente também já dominava a linguagem verbal

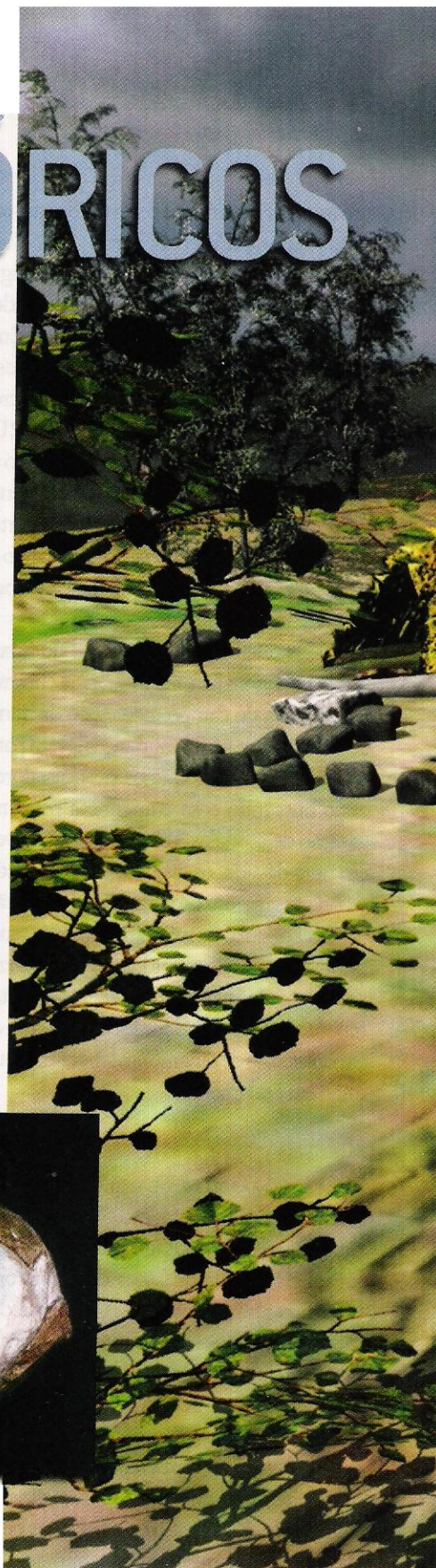
Por Dietrich Mania

Há apenas algumas décadas, ninguém poderia imaginar que um sítio arqueológico da Pré-história seria encontrado em tão bom estado de conservação. O grupo humano que se estabeleceu na região norte da Túríngia, na Alemanha central, viveu bem antes do que o homem de Neandertal, em um período relativamente quente da fase intermediária da era glacial. A rica descoberta revela não só como este *Homo erectus* se relacionava material e ecologicamente com seu meio ambiente, bem como nos dá provas do despertar de sua mente – e talvez do início da formação de uma visão abstrata do mundo.

Com o tempo, várias camadas de pedra calcária, que hoje formam um montículo, depositaram-se sobre o sítio arqueológico, conservando-o de forma extraordinária. Pesquisadores já haviam encontrado no local ferramentas da Idade da Pedra. No início do século XIX, supostamente foi achado ali um crânio humano. Durante trabalho arqueológico em 1969, encontrei uma camada originária de um período quente na fase intermediária da era glacial, que continha numerosos artefatos e fósseis de animais.



VISTA DE COMO PODE TER SIDO o assentamento de Bilzingsleben (à direita) a partir do declive no lado sudoeste, em imagem criada por Thomas Braun. Fragmentos de crânio humano se ajustam ao conhecido crânio do *Homo erectus*. Uma das reconstruções é mostrada cima, de frente e de lado



da TURÍNGIA

SIGANNI/SPEKTRUM DER WISSENSCHAFT





MÁRMORE TRAVERTINO depositou-se sobre o local do assentamento, formando um montículo. Há mais de 30 anos o autor achou aqui fósseis humanos. A foto é de 1999

Quando diagnostiquei que um pedaço de osso, que havia escavado nesta camada em 1972, era um occipício humano (parte ínfero-posterior da cabeça), a notícia correu o mundo. Então, o Museu Pré-Histórico de Halle instalou uma unidade no local, que posteriormente se tornou a unidade de pesquisa Bilzingsleben. Ela foi encampada em 1993 pela Universidade de Jena e, desde 1996, é patrocinada também pela associação Bilzingsleben – World Culture Monument.

Inúmeros cientistas de diversas nacionalidades e especialidades – da geologia à antropologia – colaboraram nas escavações e avaliações. As análises geológicas e as várias datações provaram que o sítio tem cerca de 370 mil anos, época do congelamento dos rios Elster e Saale. Junto a milhares de objetos, descobrimos também fósseis humanos. Quando encontramos em 1975 um

grande fragmento do osso frontal da face, pressentimos que olharíamos nos olhos do homem pré-histórico. No total, recolhemos 28 pedaços de crânio, bem como oito dentes. Por último, em 1999 achamos o lado direito de um maxilar inferior.

O paleoantropólogo Emanuel Vlcek, do Museu Nacional de Praga, diagnosticou que a maioria dos fragmentos de crânio pertencia a dois indivíduos, e o maxilar a um terceiro. Suas medições e comparações mostraram que os fósseis se ajustam de forma notável às formas do *Homo erectus*, que outrora habitava a África e a Eurásia. A semelhança é especialmente notável com o homem de Pequim e o homem de Java, bem como com o crânio OH9 da garganta de Olduvai, na Tanzânia.

O cérebro do *Homo erectus bilzingslebenensis*, como Vlcek o batizou, já tinha mais de 1 mil cm². Seu crânio era bastante extenso, com a parte superior levemente pronunciada e a parte posterior angulosa, e tinha uma protuberância sobre os olhos.

Fósseis humanos dessa época são raríssimos, o que torna o complexo do sítio arqueológico ainda mais espetacular, pois abre uma perspectiva única e profunda sobre o mundo daqueles homens. Seu pequeno assentamento organizava-se em termos de moradia e trabalho. Eles fabricavam ferramentas para diversos fins, deixadas para trás – junto com lixo – em grandes quantidades. Aquelas feitas de pedra, osso ou chifre sobreviveram ao tempo. Evidentemente, esse grupo de homens também participava de atividades de cunho mais espiritual, ligadas ao tempo livre ou ainda à relação dos homens com seus semelhantes e com os fenômenos naturais.

O terreno ficava protegido junto a um riacho a sudoeste de um

Resumo/*H. erectus* na Alemanha

- Sítio arqueológico de Bilzingsleben, na Turíngia, Alemanha, revela um assentamento do *Homo erectus* datado de cerca de 370 mil anos. Os habitantes dividiam o local em diversas áreas de moradia e trabalho. Talvez contassem também com uma área de culto.
- Esses homens pré-históricos viviam principalmente da caça de grandes animais selvagens. Junto a uma rica série de ferramentas, armas de caça e restos de ossos, deixaram artefatos com traços intencionalmente gravados.
- Os habitantes do assentamento possuíam os pressupostos culturais e mentais necessários para se adaptar a diferentes condições climáticas. Assim, o *Homo erectus* já mostrava características que foram depois desenvolvidos pelo *Homo sapiens*.

lago com apenas 100 m de largura. O assentamento se estendia sobre um terraço em forma de península na margem do riacho, com diâmetro de cerca de 40 m. Na direção oeste, onde uma nascente alimentava o riacho, o vale se elevava cerca de 5 m. Mais acima, havia um planalto com inclinação suave. Nas direções leste e sudeste, o terraço era limitado pelo cinturão de junco do lago. A oeste e ao norte, a saliência descaía em escarpa. Ali o riacho lançava material aluvial no lago.

Os habitantes tiveram de deixar o local quando o nível da água começou a subir. Procuraram então um local mais alto, nas proximidades, para se assentar. Assim, deixaram para trás inúmeros objetos e lixo, como ossos destrocados de animais. Objetos menores foram posteriormente levados pela água. Só os maiores e mais pesados ficaram. Essas peças nos permitem reconhecer as estruturas do assentamento e reconstituir os hábitos de seus moradores.

O local divide-se em diversas áreas. No meio estão grandes pedras e ossos ordenados em três anéis ovalados ou circulares, com diâmetro que varia de 3 a 4 m – com um rebaixamento na direção sudeste, lado mais protegido do vento. Na frente deles, descobrimos traços de fogueiras junto a seixos arredondados – os traços de calor nos seixos advêm provavelmente do fato de que os alimentos eram aquecidos com pedras quentes. Também encontramos três blocos achatados de pedra que serviam como bigoma. Ao lado, havia seixos arredondados, restos de produção e principalmente restos de ossos, ou seja, lixo alimentar.

Postos de Trabalho

É PROVÁVEL QUE O ASSENTAMENTO TIVESSE TRÊS CABANAS. AS PAREDES DEVIAM SER TRANÇADAS COM RAMOS E GALHOS, E A BASE ERA

estabilizada com pedras pesadas e ossos. Instrumentos maiores, feitos com osso, pedra ou chifre, eram deixados do lado de fora. Restos de madeira em forma de vara são testemunhas de que havia equipamentos feitos com esse material. Na entrada das cabanas ficaria o espaço de convivência e trabalho dos moradores, com suas respectivas fogueiras.

À frente das cabanas estendia-se em semicírculo uma área de 5 a 8 m de largura. Era o local das oficinas, com alguns postos de trabalho, onde os moradores produziam e utilizavam toda a sorte de equipamentos. O grosso do material descoberto estava ali. Tratava-se tanto de equipamentos especiais feitos com sílex, como ferramentas de seixo, osso e chifre, para tarefas mais pesadas.

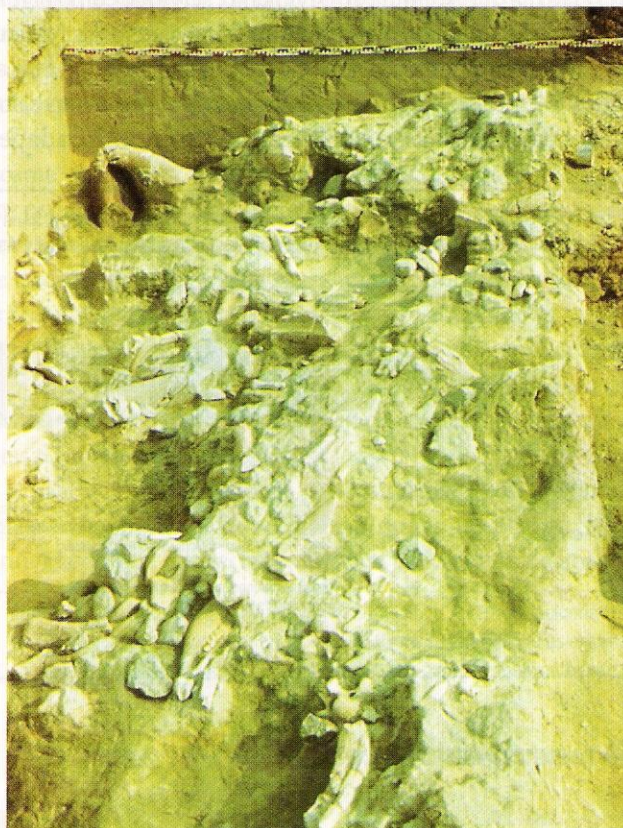
Alguns postos de trabalho parecem ter servido especialmente para o tratamento de madeira e outros materiais orgânicos. Encontramos equipamentos para tal, incontáveis restos de madeira posteriormente misturados a calcário, bem como artefatos longos, em forma de vara, que supomos terem sido lanças ou dardos.

Uma terceira área de trabalho, que se estende por muitos metros ao longo do terraço até a margem do lago, servia para trincar animais. É o que indicam os restos de esqueleto encontrados no local. Outros instrumentos mostram que nessa área também eram executados trabalhos para os quais a água era necessária. Por exemplo: somente aqui foram encontrados grandes picadores feitos de osso. Lixo de todo tipo caía aos montes na água, mais precisamente no largo depósito de aluvião que se formou nas margens do lago durante sua povoação. Um monte de lixo muito rico em achados.

Uma outra área, cuja função exata ainda não desvendamos, ficava na parte sul do assentamento, na direção dos juncos. Boa parte da área foi pavimentada com pedras e sobre elas foram



MATERIAL ESPECIALMENTE RICO foi encontrado junto às margens (foto à direita). Junto às margens havia inúmeros fósseis de mamíferos, como a mandíbula de um elefante. Também antigos postos de trabalho e ferramentas podem ser vistos. Na foto acima, uma mandíbula de rinoceronte está sendo escavada



colocados grandes blocos de mármore travertino. Estes serviam como apoio de trabalho, como mostram as superfícies polidas pelo uso. Ao lado dos blocos há outras pedras pesadas, com fortes traços de aquecimento: é evidente que foram usadas para trabalhos especiais.

A área com características mais singulares, no entanto, parece ser a parte sudeste do assentamento, densamente pavimentada com pedras e pedaços de osso. Ao contrário dos postos de trabalho, não há lixo nem grandes equipamentos. Por outro lado, encontramos restos de artefatos de madeira, parte de um chifre



foram descobertos restos humanos. Uma série de pedras formando uma linha reta de 5 m levava ao local, a partir do oeste. No início e no final dessa reta, escavamos duas presas de elefante, de 1,80 m, que provavelmente ficavam na vertical.

Segundo nossas estimativas, nas três cabanas do assentamento poderiam morar de 20 a 25 pessoas, no máximo. O grupo viveu em uma fase intermediária da era glacial, na qual o clima na Europa central ficou mais quente e seco. Os invernos eram relativamente brandos, com temperaturas geladas de vez em quando, e os verões secos e pronunciadamente quentes. Os fósseis de plantas,



de veado – bem como, para nossa surpresa, diversos fósseis humanos. Algumas placas de pedra no meio e um bloco de mármore travertino na borda possuem marcas de combustão.

No lado oeste dessa área não havia nada além de um bloco de quartzita que se erguia do pavimento, servindo como bigorna. Sobre ele foram partidos ossos, o que é indicado pelas partículas de ossos nas ranhuras da superfície. Essa bigorna devia ter significado especial. Ficava entre as pontas do chifre de um bisonte embutidas no pavimento. Também próximo a esse bloco de pedra

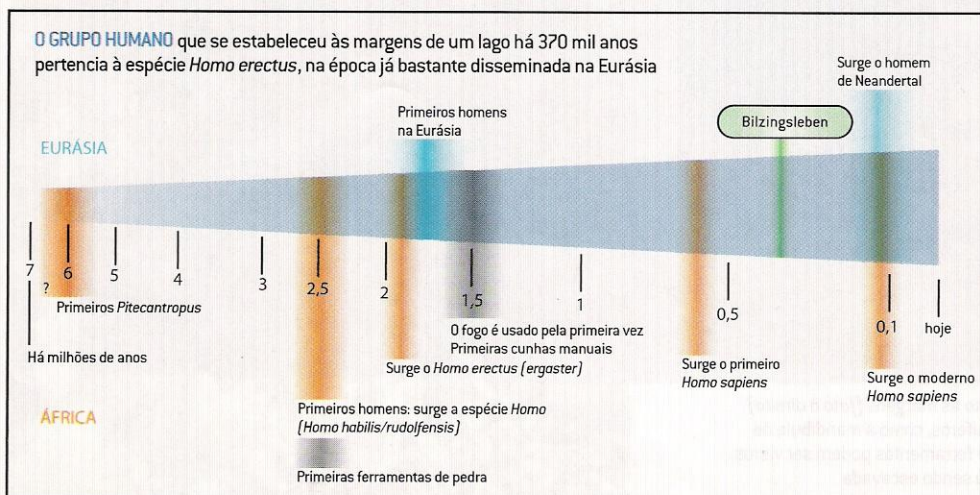
sobretudo estampas de folhas e frutas, bem como a análise do pólen nos sedimentos do lago, fornecem uma idéia detalhada da vegetação de então.

Animais Selvagens

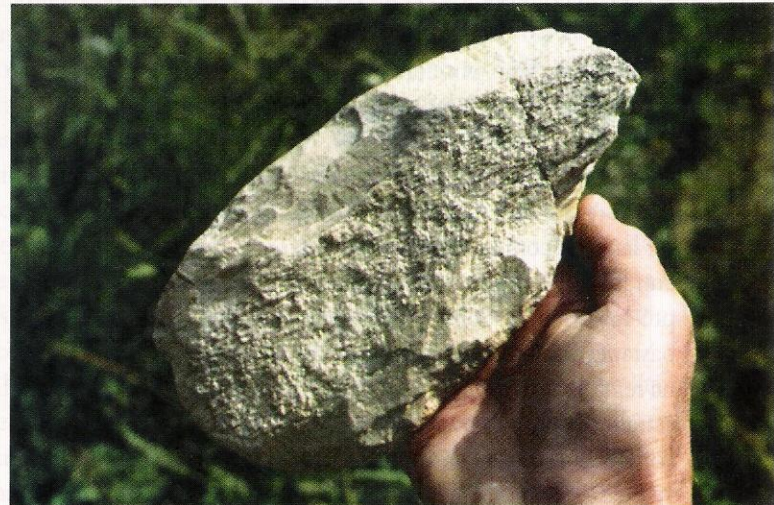
NOS ARREDORES DE BILZINGSLEBEN reinavam outrora florestas de carvalhos, alternadas com bosques e estepes. Alguns tipos de árvores e arbustos – como o buxo, o sabugueiro e a videira – que havia ali não crescem hoje naturalmente na Europa central,

somente a norte e leste do Mediterrâneo. Outros, como hortaliças, são mais comuns hoje no sudeste da Europa e no oeste da Ásia.

Essa paisagem cheia de alternâncias, em parte coberta de florestas, em parte aberta, oferecia alimentação suficiente à rica fauna. Manadas e rebanhos eram formados principalmente por animais ungulados, ruminantes de porte médio e grande, como elefantes, rinocerontes, bovinos e cavalos selvagens, e diversos tipos de veado. Não eram somente predadores



O **HOMEM DA IDADE DA PEDRA** utilizava ferramentas variadas. Abaixo, a partir da esquerda: picador com traços de uso no canto; faca de sílex; raspador de sílex para trabalho com madeira (milhares destes foram achados); osso em forma de cunha para trabalho pesado. À direita, posto de trabalho com uma bigorna, acima da qual foi cortada a articulação (que pode ser vista na frente da imagem) da parte superior de um osso de pata de elefante



como leões, ursos, hienas e lobos que caçavam os ruminantes. Os habitantes de Bilzingsleben também iam atrás, de preferência, dos mesmos animais, que representavam sua principal forma de alimentação e garantiam sua subsistência. Escavamos muitas dentaduras e ossos partidos de mamíferos. Os homens abatiam principalmente rinocerontes e veados, mas também bovinos e cavalos selvagens, ursos e filhotes de elefante.

Os grandes animais selvagens perfaziam 60% do total caçado. É provável que esse tipo de caça compensasse mais do que a de pequenos animais. Os animais de porte médio, sobretudo veados, representavam 20% do total. Entre os pequenos, os mais caçados eram castores e, bem mais raramente, raposas, lobos, texugos e gatos selvagens, cuja caça certamente não compensava. Javalis e leões, que podem representar perigo para o caçador, também eram pouco abatidos.

Desde a espetacular descoberta de lanças em Schöningen, no sudeste da Baixa Saxônia, sabemos que o *Homo erectus* europeu daquele tempo conhecia o uso da lança e do dardo para a caça de grandes animais. O sítio de Schöningen fica a apenas 100 km, em linha reta, de Bilzingsleben. Desde 1994, a equipe de Hartmut Thieme, do Instituto de Proteção ao Patrimônio Histórico da Baixa Saxônia, de Hannover, já encontrou lá nove lanças finas com cerca de 2 m de comprimento, feitas de madeira dura de pinho. Elas funcionavam perfeitamente, de acordo com os parâmetros

atuais. Com elas, aqueles caçadores abateram uma manada de cavalos selvagens em uma baixada pantanosa. As lanças de madeira recuperadas mostravam excelentes características de lançamento e pontaria, sendo possível matar grandes animais a 20 ou 30 m de distância. Descobrimos em Bilzingsleben artefatos de madeira longos e finos, que hoje sabemos se tratar de lanças ou dardos. Alguns podiam ser bastões de pau, com os quais se abatiam pássaros e pequenos animais.

Os habitantes de Bilzingsleben não se alimentavam somente de carne ou gordura. Apesar de termos encontrado somente alguns pedaços de conchas de grandes moluscos fluviais e ovos de pássaros, bem como caroços cobertos por calcita, podemos supor que esses homens armazenavam e utilizavam produtos obtidos de plantas. Com certeza colhiam nozes, grãos, cogumelos, brotos e folhas. O resto é especulação. Será que sabiam que o sumo de cereja ou de bétula contém muito açúcar? Ou que a casca da semente da malva-silvestre mata a sede e, ao contrário das outras partes da árvore, não é venenosa?

É provável que os homens pré-históricos tivessem conhecimento das propriedades medicinais de muitas plantas. Não há dúvida de que conheciam as características de crescimento

OAUTOR

DIETRICH MANIA é geólogo, paleontólogo e arqueólogo. Até 2003, lecionava na Universidade de Jena, Alemanha. Durante mais de 30 anos dirigiu as escavações do projeto Bilzingsleben – *Homo erectus*, sua cultura e meio ambiente.



NO SÍTIO FORAM ACHADOS muitos vestígios de fogo. Aqui, um desses locais, com galho carbonizado

de algumas. Sem um conhecimento embasado, nunca teriam conseguido produzir lanças de 2,5 m de comprimento.

Fina Habilidade

UMA ARMA DE CAÇA com cabo de 5 cm de espessura podia ser lançada com facilidade e precisão por dezenas de metros e entrava fundo no corpo da presa. Para fazer as lanças, o homem pré-histórico de Schöningen usava madeira de pinho nova e bastante dura, que encontrava em locais secos. Como as árvores na região cresciam muito devagar, formavam um cerne bastante estreito. Para que o tronco fosse utilizado para fazer uma lança com uma vez e meia a altura de um homem, era necessário que sua base tivesse diâmetro de um palmo. A árvore era cortada e desmembrada com um talhador pesado, de quartzita, por exemplo. Dessa forma, era possível obter as proporções adequadas já no corte. Depois seguia-se o trabalho mais fino, que exigia outras ferramentas, como a serra de sílex, com a qual as formas dos projéteis, as pontas e a haste fina e escorregadiça eram plainadas e polidas (ver imagem na pág. 45).

No que diz respeito a ferramentas e outros objetos, os habitantes de Bilzingsleben eram profissionais. Diferenciavam, por exemplo, tipos de pedra de acordo com sua utilidade e usavam também ossos, chifres e madeira. Empregavam ainda material orgânico, apesar de este não ter sido preservado. Para tarefas mais pesadas – como bater, picar, fender, desintegrar – eram usados materiais mais resistentes. Nos arredores do assentamento foram encontrados seixos arredondados. Instrumentos feitos com calcário conchífero, travertino e quartzito eram usados para quebrar ossos e dar forma arredondada a grandes ferramentas. Para o trabalho fino com o sílex, eram usadas pedras pequenas de quartzo, de no máximo 6 cm. Para ferramentas especiais, como raspadores, facas e furadores, era usada uma pedra lascada pontiaguda. O material ideal para tal era o sílex da região do mar Báltico, que geleiras da era glacial transportaram para a Turíngia. Com exceção das facas, os instrumentos de sílex eram surpreendentemente pequenos. Alguns mediam somente 1 ou 2 cm.

RESQUÍCIOS DE PLANTAS mostram a antiga vegetação – como estas folhas de piracanta ou espinho-de-fogo

Um instrumento que chama a atenção é o furador, do qual existiam vários tipos. Foram encontrados muitos deles – alguns com cabo trabalhado –, provavelmente usados para aplicação em material orgânico, como madeira, rafia, talvez até em peles. Será que esses pequenos instrumentos também eram usados para confeccionar recipientes, carregadores ou mesmo pequenas roupas? Pelo menos no inverno aqueles homens não andavam nus. Mas, como a pele humana reage com eczemas ao uso de pele não curtida, fica a pergunta se eles já conheciam o processo de curtição.

Precisão em Madeira

OS OSSOS TAMBÉM PODIAM ser transformados em ferramenta. Das partes duras de ossos de elefante eram feitas aparas longas e, a partir de pedaços menores, era produzida uma série de equipamentos especiais: raspadores de diversos tamanhos com bordas retocadas, ferramentas de golpe afiadas e com ponta, cinzéis, cunhas, punhais e sovelas. Ossos muito grandes como os de elefantes e rinocerontes eram retrabalhados e utilizados como ferramenta. Eles mostram marcas de uso, como ranhuras, arranhões, lustros e cortes.

Foi encontrada madeira na região de Bilzingsleben, parte dela em estado de calcificação. Na maioria dos casos, trata-se de lixo, mas surgiram também alguns artefatos como as armas de caça mencionadas. Muitos objetos de madeira têm na ponta conexões do tipo macho e fêmea. Outros têm formato de pá ou espátula.

É de esperar que homens com alto grau de conhecimento das propriedades de materiais como pedras, ossos e chifres também soubessem unir varetas ou trançar a rafia. Tentamos construir uma cabana simples de vime e grama com os meios daquela época – o que não se revelou especialmente difícil. Com facões, cortamos plantas de até 5 m de altura. Fizemos todo o resto sem ferramentas. Cobrimos a construção em forma de colméia com arbustos, fixados com varas de junco. Três pessoas fizeram esse trabalho em menos de quatro horas. Nossa cabana resistiu ao vento e às intempéries por mais de um ano e permaneceu quente e seca na parte interna.





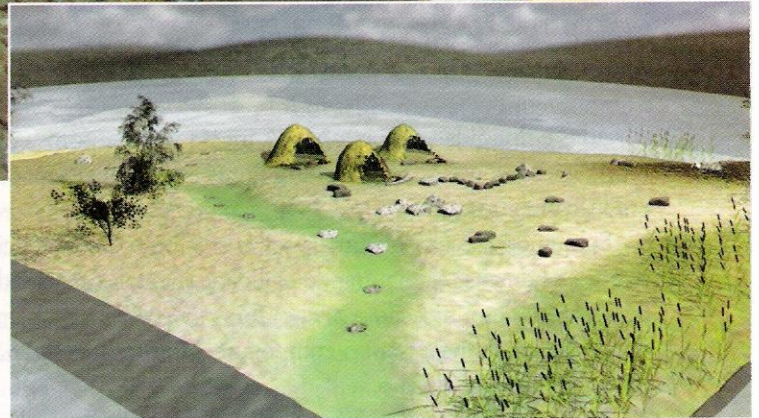
SIGANIM/SPEKTRUM DER WISSENSCHAFT (abaixo); DIETRICH MANIA (acima)

É ENIGMÁTICA a parte sudeste do assentamento, pavimentada com pedras e pedaços de ossos (acima). Sobre ela não havia – ao contrário do resto do assentamento – quase nada em volta. Servia claramente para atos rituais (Uma animação sobre o assentamento pode ser vista em http://www.spektrum.de/page/p_archiv_aktuelleausgabe_sdw&sort=evt&order=asc&jahr=2004&ausgabe=10)

O assentamento de Bilzingsleben foi sem dúvida habitado durante muitos anos. A quantidade de ossos de animais encontrada demonstra isso. É notável que praticamente nenhum deles traga marcas de mordidas de grandes predadores – principalmente das então sempre presentes hienas. Aparentemente, eles conseguiam manter os animais selvagens a distância. O *Homo erectus* já havia criado um meio ambiente que em certa medida o defendia dos perigos naturais. Um assentamento protegido como esse trazia muitas vantagens: parte do grupo podia sair para caçar ou semear, enquanto outros permaneciam no local, como mães de crianças pequenas, velhos e doentes.

Deslocamentos diurnos, nos quais se levava também carga, geralmente não ultrapassavam 10 km ao redor do assentamento. Na prática, tudo de que o grupo precisava para viver podia ser encontrado naquela paisagem variada, rica em plantas e animais. É provável que também fizessem viagens com duração de dias, semanas ou mais, até as montanhas médias ou aos grandes rios no norte. Talvez os caminhantes repousassem de vez em quando em pequenos acampamentos, semelhantes ao local de caça do Paleolítico em Schöningen.

O assentamento em Bilzingsleben seria, dessa forma, sua moradia central, uma espécie de base. Ali os habitantes podiam fazer coisas para as quais não tinham tempo ou oportunidade durante os deslocamentos. Talvez também desfrutassem lá de momentos de ócio e se concentrassem para trabalhos manuais mais complicados. Naturalmente, esse tempo também era



usado para transmissão de conhecimento. E poderiam testar novas substâncias ou desenvolver equipamentos para uso cotidiano. O domínio do fogo – que o homem tinha havia muito tempo – significava não somente uma vantagem técnica. Uma fogueira fornecia calor e luz, e representava assim um ponto de aglutinação social.

Ações Planejadas

APESAR DOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS, só podemos especular sobre o grau de desenvolvimento mental desses homens, ainda que o assentamento de Bilzingsleben forneça mais pistas do que outros sobre o modo de organização dos grupos humanos na fase intermediária da era glacial. Muitos artefatos que encontramos eram feitos para uso rápido. Outros exigiam muito esforço e tempo. Só podem ter sido produzidos com planejamento exato dos procedimentos de trabalho e uma visão antecipada de seu resultado final.

Isso vale, entre outros, para os inúmeros objetos para cuja confecção era necessário fabricar ferramentas adicionais, como as lanças. Os equipamentos feitos de osso de extremidades de elefantes exigiam grande planejamento. Esse material só podia ser trabalhado sem gordura, quando os cadáveres dos animais já haviam virado esqueleto. As articulações dos ossos eram



OS HOMENS PRÉ-HISTÓRICOS deixaram algumas peças de ossos com padrões claramente gravados. Aqui, um instrumento feito de osso de elefante com seqüência de feixes (esquerda) e outra espalhada de traços

cortadas e divididas com cunhas. A massa interna porosa era retirada e somente as partes muito duras eram transformadas em instrumentos.

Sobretudo a caça de animais selvagens, base da existência daqueles homens, exigia grande agilidade mental, capacidade de reação e comunicação. Os caçadores só podiam ser bem-sucedidos se conhecessem o comportamento dos animais nas diferentes estações do ano.

Hermann Rieder, da Universidade de Heidelberg, avaliou as características físicas e mentais necessárias para esse tipo de caçada, do ponto de vista da moderna ciência esportiva. Ele fez com que lançadores treinados testassem lanças construídas com base naquelas encontradas em Schöningen. Segundo Rieder, no lançamento são importantes coordenação e condição física, capacidade de reação, tempo, força, velocidade e resistência. Uma combinação desses parâmetros exigia do homem pré-histórico percepção, raciocínio, planejamento e decisão.

Motor da Evolução

COMO MUITOS OUTROS PESQUISADORES, acreditamos que foram justamente as caçadas coletivas e as situações extremas enfrentadas por aqueles homens que desafiaram o pensamento e o desenvolvimento mental – ou seja, impulsionaram a evolução humana. A própria vida social forneceu impulso semelhante. Até onde sabemos, o homem pré-histórico estava equipado para desbravar novos ambientes. Tinha capacidade de adaptação para viver em climas mais frios. O acampamento de caça de Schöningen, por exemplo, era de uma época mais fria.

Junto às armas de caça e ferramentas, foram encontrados objetos surpreendentes, aparentemente de pouco uso prático. Alguns deles, feitos com ossos, estavam riscados em sua superfície, não por acaso: foram intencionalmente gravados. Eles servem para mostrar

que aqueles homens ocupavam-se de outras coisas além das tarefas de sobrevivência. Em um objeto de 40 cm de comprimento, feito de osso de elefante, há uma seqüência de traços, que começa em uma ponta com um feixe composto por sete linhas, seguido por um grupo de 14 linhas, com cerca de 15 cm de comprimento. A outra ponta está quebrada. Possivelmente havia ali, simétrico à outra extremidade, um outro feixe de sete gravuras.

Interpretamos esses traços como a representação gráfica de um pensamento. Muitos de nossos colegas especulam que as 21 – talvez originariamente 28 – linhas poderiam representar um calendário lunar. Pode ser. Para nós, realmente importante é o diagnóstico de que aqueles homens podiam pensar de forma abstrata. Uma mostra disso é o procedimento planejado quando produziam equipamentos especiais. O homem pré-histórico que riscou o objeto descrito acima deu ao conjunto de traços um conteúdo simbólico. Trata-se do mais antigo objeto cultural



A PRIMEIRA LANÇA ENCONTRADA estava entre os restos de inúmeros ossos de cavalo. Sua ponta já aparece nesta foto de 1995 (sobre o pequeno pedestal ao fundo). O resto dela ainda está dentro da pedra à esquerda

desse tipo que conhecemos. Como seqüências abstratas de idéias só podem ser comunicadas por meio de palavras, esses traços gravados são uma prova de que aqueles homens falavam uma língua.

Em termos de significado cultural, o assentamento de Bilzingsleben tem menos importância do que o local onde foi encontrado o osso gravado. É claro que o local tinha uma posição destacada no cotidiano do grupo. Tem-se a impressão que os homens pré-históricos pavimentaram uma área redonda de 9 metros a sudeste para que ficasse claro que ali não poderia ser feito nenhum trabalho cotidiano, nem jogado lixo. É notável que justamente ali tenham sido encontrados alguns fósseis humanos:

um fragmento de mandíbula, alguns dentes, bem como pequenos pedaços de dois crânios. Descobrimos todos estes fósseis perto da bigorna na parte oeste dessa área circular. Mais fragmentos de um dos crânios, que se ajustam perfeitamente ao primeiro deles, estavam em uma calha do material aluvial. E outras partes do segundo foram escavadas no riacho, a sudoeste do assentamento.

Caráter Não-Material

OS HABITANTES PODEM TER REALIZADO atos especiais com esses crânios. Emanuel Vlcek supõe que os crânios somente eram destroçados quando já haviam se tornado esqueletos. Eles eram trabalhados sobre o bloco de pedra, e os pedaços juntados e levados para outro lugar, onde eram depositados. Alguns dos maiores fragmentos de crânio no material aluvial ou no riacho estavam colocados ali de forma intencionalmente cuidadosa. Talvez tenham sido perdidas algumas partes menores quando os fragmentos foram juntados na área pavimentada.

Os crânios destroçados não são prova de canibalismo, como alguns colegas inicialmente supuseram. É mais provável que na área pavimentada fossem realizados cultos aos membros mortos do grupo. Ou seja: esse lugar tinha significado cultural especial e seria usado para atos que poderíamos descrever como pré-rituais. Estes exigiam um local calmo, separado das pressões do dia-a-dia. Ritos desse tipo são importantes para que o conhecimento social se reproduza de forma coletiva. É possível que se trate, nesse caso, da primeira evidência de atos de cunho não-material na história da evolução cultural humana.

Essa conclusão não é despropositada. O homem daquela época podia agir de forma planejada e ter metas, bem como pensar em termos abstratos. Sabia produzir lanças com perfeição.



OS CAÇADORES DE SCHÖNINGEN burilavam cuidadosamente a ponta de suas lanças de forma simétrica

Também possuía linguagem. Mesmo que sejam estágios iniciais de desenvolvimento significam que o homem pré-histórico criou seu próprio mundo artificial. Quem é capaz disso já possui um modelo simples do mundo e começa a procurar por explicações para os fenômenos naturais que o afetam diretamente. É muito clara a importância que todas essas realizações socioculturais tiveram para a evolução humana posterior.

Em 2002, as escavações em Bilzingsleben tiveram de ser paralisadas em caráter temporário. Certamente vale a pena continuá-las. A avaliação e discussão a respeito daquilo que já foi descoberto estão longe de uma conclusão. Entretanto, hoje parece claro que subestimamos o homem

pré-histórico da fase intermediária da era glacial. Ele já possuía vida cultural rica e sabia como se portar em relação ao seu ambiente não apenas de forma material, mas também espiritual. Ele também dependia dessa cultura. Com o pequeno assentamento de Bilzingsleben, protegido junto a um lago, criou um espaço cultural e social para viver e trabalhar – e provavelmente também para ações mentais simples.

A relação mental desses homens com seu mundo pode parecer modesta. Mas o pensar desse *Homo erectus* ultrapassava os afazeres cotidianos que asseguravam sua existência. Sem um pensamento conceitual e, por conseqüência, língua, é impossível imaginar organização como o do assentamento de Bilzingsleben. Não só o *Homo sapiens* – isso nos mostraram mais de 30 anos de escavações na Turingia – inventou a cultura humana, o pensamento simbólico, ações planejadas e a língua. A base para tanto foi criada pelo *Homo erectus* muito tempo antes. Ele possuía capacidade, apoiado em suas realizações culturais, para adaptar-se a diferentes ambientes. A partir daí, homens mais modernos puderam avançar.

PARA CONHECER MAIS

Der Urmensch von Bilzingsleben. Ursula Mania. Artern, 2002.

Der fossile Mensch von Bilzingsleben (The fossil man of Bilzingsleben). Emanuel Vlcek, Dietrich Mania e Ursula Mania. Verlag Archäologische Fachliteratur. Langenweißbach, 2002.

Die ersten Menschen in Europa. Dietrich Mania. Edição especial de *Archäologie in Deutschland*, 1998.

Auf den Spuren des Urmenschen – Die Funde der Steinrinne bei Bilzingsleben. Dietrich Mania. Deutscher Verlag der Wissenschaften, Berlin, e Theiß-Verlag, Stuttgart, 1990.

Informações sobre o tema podem ser encontrados em www.spektrum.de. Procurar por "Archiv" e depois "Ausgabe: Oktober 2004".